

**Entre raios, descargas elétricas e prazeres:
Pós-humanismo contrassexual em os *impactados* (2023), de Lucía
Puenzo**

*Between lightning, electrical discharges, and pleasures:
Countersexual posthumanism in *Electrophilia* (2023), by de Lucía
Puenzo*

Pedro Rogério Tavares Filho
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul
pedrortavares95@gmail.com
ORCID: 0009-0004-3689-5966

Mateus Brum de Armas
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul
mateusarmas@gmail.com
ORCID: 0009-0005-9605-2044

Rosângela Fachel de Medeiros
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul
rosangelaFachel@gmail.com
ORCID: 0000-0002-0413-5098

Recebido em: 09 de outubro de 2024
Aceito em: 25 de novembro de 2024

Resumo

O artigo examina a forma como *Os Impactados* (2023), filme de Lucía Puenzo, aborda as transformações física e psicológica de sua protagonista, Ada, após sobreviver ao impacto de um raio, que a conduz à busca por prazer através de choques elétricos. A narrativa explora questões referentes à tríade: corporalidade, identidade e sexualidade, e à forma como a energia (dos raios ou da eletricidade) podem transformá-las, aos limites entre prazer e dor, vida e morte, desafiando normatividades e propondo novas formas de existência pós-humanas.

Palavras-chave: Cinema Argentino Contemporâneo; Corporalidade; Raios; Eletricidade; Pós-humanismo.

Abstract

The article examines how *Electrophilia* (2023), a film by Argentine director Lucía Puenzo, addresses the profound physical and psychological transformations of its protagonist, Ada. After surviving a lightning strike, Ada develops a peculiar relationship with pleasure, finding gratification through electric shocks. The narrative focuses on the triad of corporeality, identity, and sexuality, exploring how energy—whether from lightning or electricity—has the power to reshape them. The film delves into the boundaries between pleasure and pain, life and death, challenging norms and proposing new posthuman ways of existence.

Key-words: Contemporary Argentine Cinema; Corporeality; Lightning; Electricity; Posthumanism.

Cine Gaumont e a Ameaça ao Cinema Argentino

As luzes da sala de cinema se apagaram, e os créditos iniciais de *Os Impactados* (*Los Impactados*, 2023) começaram a ser projetados. Dirigido por Lucía Puenzo — reconhecida por suas obras que provocam reflexões socioculturais —, o filme conta com um roteiro coassinado pela diretora e pela artista plástica Lorena Ventimiglia. Enquanto o filme começava, era difícil ignorar que, no dia anterior, uma manifestação popular massiva havia ocorrido do lado de fora daquele complexo de cinemas. O Cine Gaumont localizado na cidade autônoma de Buenos Aires, possui grande importância cultural para o país, especialmente no contexto do cinema nacional. Fundado em 1912, esse cinema de rua — cada vez mais raro nos dias atuais — foi transformado em Espaço INCAA em 2003 (sendo efetivamente comprado pelo instituto em 2013), transformou-se em um símbolo de resistência e valorização do cinema, com o objetivo de exibir, quase exclusivamente, produções argentinas a preços acessíveis.

A manifestação de 13 de março de 2024 ergueu-se como um grito de resistência frente ao descontentamento crescente provocado pelos cortes de financiamento ao Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales (INCAA) e a outras instituições culturais, impostos pelo atual governo federal argentino, instituído após a eleição presidencial do ultra-direitista Javier Milei. Mas foi a resolução publicada, dias antes, no Diário Oficial que acendeu a chama de indignação entre profissionais da indústria audiovisual e amantes do cinema nacional argentino, pois ela incluía ações que atingiam diretamente ao INCAA, como a rescisão de todos os seus contratos (que venceriam em 31 de março), a suspensão do pagamento de horas extras aos seus funcionários, a retirada do apoio financeiro às cidades do interior, o encerramento da plataforma Cine.ar e, pontualmente, a decisão de fechar e colocar à venda o Cine Gaumont. No fervor dos protestos contra o que percebiam como uma ameaça à cultura e à identidade argentina, as pessoas bradavam em uníssono frases de ordem como: *Milei, basura! Vos sos la dictadura!* ("Milei, lixo! Você é a ditadura", *em tradução livre*), expressando sua indignação não apenas contra as medidas destinadas aos setores culturais, mas sobretudo contra o cenário político de ultra-direita em ascensão na Argentina.

O Brasil também passou por cenários semelhantes em diferentes épocas. Durante o governo do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992), encerrou as atividades da Embrafilme, provocando uma desarticulação quase completa da indústria cinematográfica nacional. Trauma revivido, recentemente, durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que reduziu e dificultou o acesso a políticas de incentivos e promoção do setor, administradas pela Agência Nacional do Cinema - Ancine, responsável por fomentar e regular o setor

audiovisual. Além disso, interferências políticas atrasaram ou bloquearam a aprovação de projetos cinematográficos, tratando-os como gastos desnecessários e contribuindo para a demonização de cineastas e artistas nacionais.

Sentar na poltrona do Cine Gaumont para assistir à *Os Impactados*, um filme de ficção argentino, dirigido por uma mulher - que conta a história de Ada (Mariana Di Girolamo), uma mulher passa por uma transformação física e psicológica após ser atingida por um raio, desenvolvendo uma obsessão intensa, tanto emocional quanto sexual, por descargas elétricas - parecia a escolha ideal para aquela semana, embora a seleção fosse difícil, considerando os diversos títulos notáveis em cartaz. Diante do atual contexto de ataque do governo de Milei ao cinema nacional, era impossível deixar de pensar sobre os desafios envolvidos na produção de um longa-metragem que rompe com o pacto mimético da realidade. Um filme cuja narrativa transita pelo viés da ficção especulativa, incorporando elementos do fantástico ao cotidiano e, assim, nos convidando a questionar nossos paradigmas da realidade, apresentando fenômenos e episódios que desafiam nossa compreensão do real, rompendo com o limiar entre possível e impossível.

Ao invés de seguir uma lógica estritamente realista, *Os Impactados* adentra o universo do que James Ballard considera um tipo de ficção científica mais abstrata e mais preocupada com o espaço psicológico — “no qual o mundo interior da mente e o mundo exterior da realidade encontram-se e se fundem”. (Abramo, 1997). Nesse sentido, a narrativa se encaixaria no que Robert A. Heinlein denominou de “Ficção Especulativa”, uma espécie de Ficção Científica que centra seu foco no elemento humano, ou ainda no que Geoff Ryman chamou de “Ficção Científica Mundana”, narrativas que não recorrem a elementos extraordinários, mas exploram o próprio cotidiano. (Meireles, 2021). Em ambos os casos, poderíamos destacar como a presença das mulheres, partindo aqui do contexto da literatura, resultou em novas experimentações temáticas, mas sobretudo, desvinculou a ficção científica do discurso patriarcal. Para além das fronteiras da literatura, como no cinema, por exemplo, a Ficção Especulativa, expande suas fronteiras para abarcar o amplo leque de obras não miméticas, como “a Lenda, o Mito, a Fantasia, o Gótico, o Horror, o gênero Fantástico, a Ficção Científica, o Conto de Fantasma, a Ficção Weird, o New Weird e outras modalidades do insólito”. (Meireles, 2021). Por outro lado, vem crescendo a tendência por acreditar que “Fantástico” seria o termo mais apropriado para definir as múltiplas expressões de arte não mimética. (Meireles, 2021). No entanto, em nossas primeiras décadas do século XXI, o termo “Ficção

Especulativa" vem sendo utilizado para definir "obras fantásticas que contemplam culturas marginais e grupos minoritários" (Meireles, 2021).

Para além disso, a própria materialidade tecnológica do cinema, como nos lembra Lucia Santaella, em *As comunicações e as artes estão convergindo?* (2005), indica sua inseparabilidade das invenções tecnológicas, ou seja, as transformações da linguagem cinematográfica sempre caminham *pari passu* com as transformações que ocorrem no campo tecnológico. As quais, no estado da arte contemporânea ao texto de Santaella, encontravam-se na incorporação da animação computacional tridimensional e no frenesi dos efeitos especiais (2005, p. 32). Assim, para além de produzir imagens e provocar diferentes respostas emocionais e imaginativas no público, o cinema também pode ser um espaço de projeção e fabulação de visões de presentes alternativos e possíveis. Essa capacidade de buscar antever o que está por vir permite que o cinema crie mundos e cenários que, embora fictícios, podem ser visualizados, explorados e até mesmo fantasiados pelo público. Dessa forma, o cinema não apenas pode refletir a realidade (mimese) presente, mas também pode ampliar as fronteiras do presente, proporcionando ao espectador uma experiência imaginativa e sensorial que explora as diversas possibilidades desse momento.

Nesse sentido, o fato de *Os impactados* ser uma produção extremamente independente permitiu, nas palavras da diretora, pesquisar sobre as histórias de pessoas que sobreviveram a ser atingidas por raios e sobre a electrofilia, sem as pressões do modelo industrial de produção, até o momento em que fazer um filme era inevitável. (Puenzo, 2024). A reflexão de Puenzo, corrobora a afirmação de Karine Ruy, de que o cinema de baixo orçamento [independente] é um espaço de resistência cultural, no qual cineastas podem abordar temas, frequentemente, ignorados pelo cinema comercial, e podem experimentar mais com a linguagem, promovendo diversidade de narrativas e inovação estética. Assim, apesar do orçamento apertado, *Os Impactados* explora os efeitos especiais — nas cenas de tempestades e de raios, e nas cenas das alucinações elétricas de Ada —, associados a efeitos práticos e à maquiagem (para a caracterização de suas personagens), para construir uma narrativa estética, que rompe com o limiar entre a mimese e o fantástico. E, no sentido da temática, o filme corrobora a reflexão de Ruy, explorando questões sobre sexualidade e corporalidade incomuns no âmbito do cinema mais convencional, mas que conseguiram encontrar seu nicho na plataforma Netflix.

Por meio de sua pesquisa, as roteiristas descobriram que as pessoas que sobrevivem aos raios sempre encontram algo mais profundo e, de certa forma, poético na reconfiguração de seu corpo e de sua sinapse. (Puenzo, 2024a). Para investigar essa condição, *Os impactados*

centra-se nas consequências físicas e psicológicas da descarga do raio em Ada, realizando uma abordagem sobre a nova sensorialidade despertada nos corpos impactados pela extrema descarga de energia dos raios, que faz com oscilem entre o trauma e o desejo de experimentar novamente as descargas de correntes elétricas. Mesmo diante da possibilidade de encarar a morte ou sofrer a amputação de um membro, como mostrado em algumas cenas do filme, a electrofilia — o desejo por eletricidade — permanece como o elemento central da narrativa.

Investigar a corporalidade e suas potências tem sido algo recorrente no cinema de Puenzo. Desde seu primeiro longa-metragem *XXY* (2007), que aborda a descoberta da sexualidade de Alex (Inés Efron), uma adolescente intersexo, criada em uma pequena cidade do interior para escapar da vigilância cisheteronormativa da capital, um dos primeiros filmes a tratar dessa questão e a discutir identidade de gênero. Já em *El niño pez* (2009), a visceralidade dos corpos é explorada por meio da sexualidade, tendo como protagonistas um casal lésbico. E em *Wakolda* (2013), uma fabulação da passagem pela Argetina do médico genocida nazista Josef Mengele — conhecido pelos experimentos invasivos e exploratórios perpetrados sobre as corporalidades das pessoas encerradas nos campos de concentração — coloca o binômio corpo e ciência no centro da discussão. O retorno dessas questões em seus filmes é reconhecido pela própria diretora:

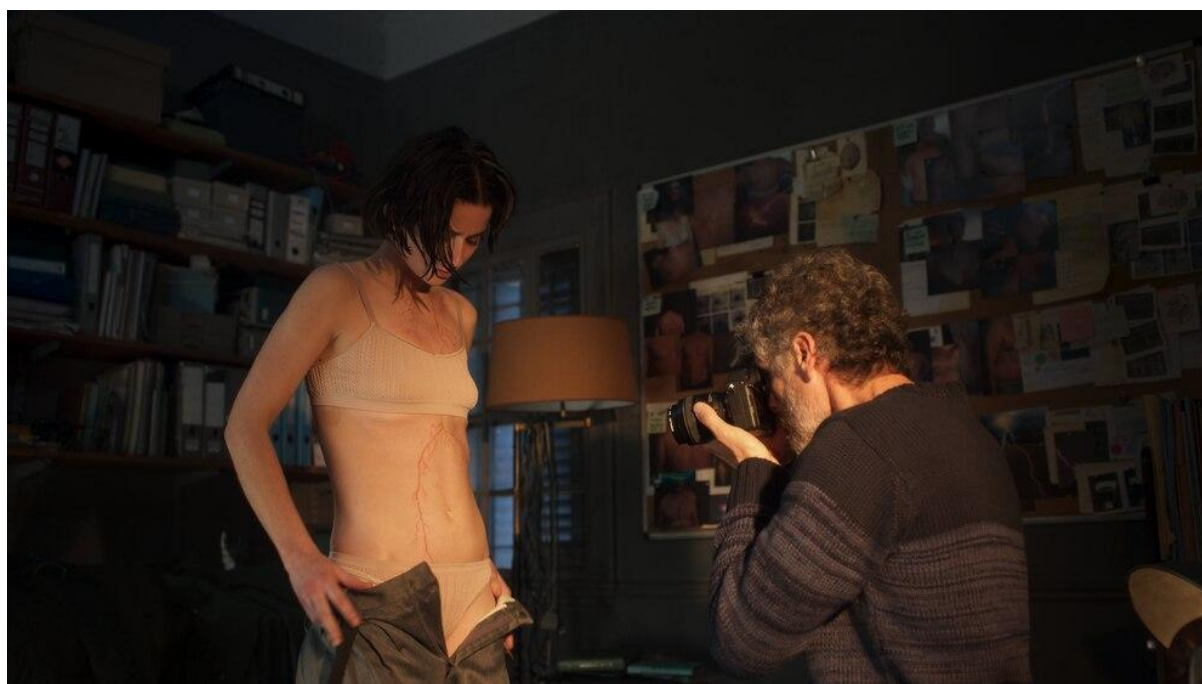
Tenho consciência de que há uma mistura de assuntos que me interessam, os corpos que podem não ser normais para a sociedade, uma certa ordem das margens, as pessoas marginalizadas, a medicina e a genética, que por alguma razão são recorrentes e eu volto lá. (Puenzo, 2024b).

Entre raios e prazeres

A trama de *Os Impactados* centra-se na personagem Ada, uma veterinária que acorda em um hospital após ser atingida por um raio, despertando o cuidado de seu pai e de seu marido, mas sendo também abordada pelo médico e pesquisador Juan, que irá conectá-la a um grupo de pessoas que, assim como ela, sobreviveram a essa mesma experiência traumática. Nos encontros realizados em uma casa isolada, o grupo de sobreviventes compartilha histórias sobre os raios que os atingiram e as consequências físicas e psicológicas de terem seus corpos atravessados por descargas elétricas intensas. Distante de sua família e cada vez mais conectada a essas pessoas que, assim como ela, não conseguiram retomar a vida como antes do acidente, Ada começa a redescobrir seu corpo e sua percepção, transformados pela experiência elétrica. A paleta de cores frias e a fotografia minimalista refletem o estado emocional das personagens, intensificando o clima de tensão que permeia o longa-metragem.

Para além da experiência extrema vivida por cada uma das pessoas do grupo, as unem e identificam as cicatrizes semelhantes a raios deixadas em seus corpos, que desenham o trajeto percorrido pela eletricidade — conhecidas como "árvores de relâmpago" ou figuras de Lichtenberg¹ — primeiro elo de identificação entre todas personagens do grupo e da atração sexual que irrompe entre Ada e Juan, quando justamente ele lhe apresenta os registros fotográficos das marcas das outras pessoas do grupo e pede para fotografar suas marcas para sua pesquisa (Figura 1). Além disso, as pessoas impactadas apresentam também alterações em suas percepções e sensibilidades, modificando para sempre suas vidas e suas relações interpessoais.

Figura 1- Juan fotografa as marcas deixadas pelo raio no corpo de Ada.



Fonte: infobae.com/cultura/2024/02/27/lucia-puenzo-el-cine-esta-completamente-paralizado-en-la-argentina

Na busca por controlar as sequelas deixadas pelas descargas dos raios, as personagens descobrem que receber em seus corpos doses controladas de eletricidade podem lhes proporcionar um espécie de torpor e de prazer, precisando lidar com esse desejo — electrophilia — que pode colocar suas vidas em risco seja por meio de um choque elétrico proposital ou por novamente buscarem ser atingidas por um raio.

¹ Homenagem ao físico Georg Christoph Lichtenberg, que estudou o fenômeno.

Personagens marcados por descargas elétricas são recorrentes nas narrativas. É impossível não lembrar de personagens icônicos da cultura pop, como Raiden, de *Mortal Kombat*, e dos super-heróis e super-heroínas, como Tempestade, Wiccano, Raio Negro, Thor e Electro, da Marvel Comics; Shazam, ou ainda, Super Choque, da DC Comics. Em comum todas essas personagens possuem a habilidade de manipular a eletricidade e os raios, e incorporam o poder e a adrenalina que a eletricidade representa e simboliza. Embora a relação das personagens de *Os impactados* com a eletricidade possa nos remeter a essas personagens, sobretudo nas cenas de alucinação de Ada, quando consegue ver os raios de energia saindo de seu corpo, o filme avança por uma narrativa especulativa que combina mimese e fantasia, para provocar uma reflexão no presente sobre os conflitos das personagens, mergulhando na âmago da condição humana. Nesse sentido, não poderíamos deixar de recordar o "monstro" criado pelo Dr. Frankenstein, no romance escrito por Mary Shelley e tantas vezes adaptado para o audiovisual, que ganha vida, justamente, graças a descarga elétrica de um raio.

Mas, em contraposição as eletrizantes personagens da cultura *pop* e às suas presenças marcantes nos quadrinhos, na televisão, no cinema e em videogames, a diretora distância Ada do papel de uma super-heroína, nos convidando a investigarmos as consequências físicas e psicológicas da descarga do raio em seu corpo/identidade: a marca deixada pelo trajeto do raio em seu corpo, a reativação de seus ovários — curando-a da menopausa precoce —, as alucinações elétricas, o desejo por choques elétricos e o apetite sexual renovado e intenso, que literalmente pode provocar uma descarga elétrica de um corpo a outro. Ada precisa aprender a viver com sua nova condição, em um processo de autoconhecimento que, ao contrário do vivido pelas outras personagens eletrizantes, irá reconfigurar apenas sua vivência íntima e pessoal. Não existem grandes responsabilidades associadas a seus novos poderes.

Mas, por conta de sua nova condição, Ada acaba por reconfigurar suas relações interpessoais, buscando apoio em uma espécie de grupo terapêutico formado por sobreviventes de raios, acaba por se distanciar de seu marido e por envolver-se afetiva e sexualmente com Juan, com quem consegue finalmente satisfazer seu novo apetite sexual. Seu drama está então na busca por reconstruir sua vida e compreender sua nova corporalidade/identidade, lidando com as transformações físicas e psicológicas geradas pela descarga elétrica e pela conexão desse evento com outra experiência traumática de sua infância. Ela é confrontada com questões profundas sobre a transformação existencial de sua corporalidade/identidade, resultantes da experiência extrema da descarga elétrica que quase a matou, e das tentativas subsequentes de revivê-la. Isso nos conduz a uma reflexão sobre a própria impermanência da condição humana.

Nesse sentido, talvez uma das questões mais provocantes na temática de *Os impactados* é a forma como a eletricidade energiza e intensifica a sexualidade de Ada, condição desvelada pela cena em que ela se submete ao tratamento experimental com eletrochoque, que a leva a uma grande sensação de prazer e posterior relaxamento. (Figura 2).

Figura 2- Ada completamente apacada após uma sessão de descarga elétrica aplicada e controlada por Juan.



Fonte: sistema.festivaldoriorio.com.br/filme/2023112581

Enquanto a descarga elétrica do raio e os choques auto-infligidos proporcionam ao corpo uma experiência extrema, comparável a um intenso orgasmo, que pode até levar à morte, o filme apresenta uma sexualidade nova e inusitada. O cinema, ao longo da história, tem explorado as sexualidades não convencionais — como o sadomasoquismo e o fetichismo — desde clássicos como *Salò ou 120 dias de sodomia* (*Salò o le 120 giornate di Sodoma*, 1975), de Pier Paolo Pasolini, e *O império dos sentidos* (*L'empire des sens*, 1978), de Nagisa Oshima, chegando aos mais contemporâneos como *A Professora de Piano* (*The Piano Teacher*, 2001), de Michael Haneke, e *Cachorros Não Vestem Calças* (*Dogs Don't Wear Pants*, 2019), de J-P Valkeapää. Esses filmes, assim como *Os Impactados*, abordam o corpo e o prazer de forma transgressora, desafiando convenções e explorando como traumas físicos ou experiências de quase morte podem gerar novas formas de relação com o próprio corpo e com o desejo.

Mas filmes como *Crash - Estranhos prazeres* (*Crash*, 1996), de David Cronenberg, e *Titane* (2022), de Julia Ducournau, exploram de forma provocadora a relação entre sexualidade e tecnologia, especificamente, automóveis. Em *Crash*, as personagens encontram excitação e prazer sexual em acidentes automobilísticos e nas cicatrizes físicas resultantes desses eventos, buscando reviver a sensação extrema da descarga de energia experimentada em sua primeira colisão automobilística. Conforme Rosângela Fachel de Medeiros, em sua dissertação sobre *Crash*:

A liberação máxima de energia sexual, representada pela ejaculação (orgasmo) tem para as personagens seu equivalente no desastre automobilístico. [...] o desastre aparece como responsável pela intensificação do ato sexual, uma vez que a liberação extrema de energia que ele provoca age sobre os corpos dos ocupantes como se fosse um intenso orgasmo. (Fachel de Medeiros, 2002 : 78).

No mesmo sentido, em *Os Impactados*, Ada busca reviver a sensação extrema e de quase morte vivenciada com a descarga de energia do raio que a atingiu, por novas formas de prazer despertadas pelo acidente original. A partir dessa premissa, o filme estabelece uma conexão entre o encontro com outras pessoas que passaram pela mesma experiência e a redescoberta do corpo transformado pela eletricidade. A narrativa enfatiza as dinâmicas emocionais que vão sendo estabelecidas entre essas personagens, sobretudo entre Ada e o médico Juan - que assim como Vaughan em *Crash*, é uma espécie de líder e mentor do grupo e dedica sua vida a observar e pesquisar as experiências e os desejos vividos pelas pessoas impactadas, até entregar-se à consumação máxima de sua eletrofílica.

Em suas buscas por explorarem a energia despertada pelos raios que lhes atingiram, as personagens do grupo organizado por Juan, criam perigosas situações de aproximação a descargas de energia, que se torna seu objeto de desejo. Desde os choques auto-infligidos à caça por raios, apresentada em uma cena épica na qual as personagens do grupo pegam seus automóveis e se dirigem a um campo aberto para acompanhar um de seus integrantes que busca provocar raios, na ânsia de recriar as condições de seus acidentes, e termina por ser gravemente ferido. Essa cena nos desperta outra memória de *Crash*, o episódio emblemático, carregado de tensão e erotismo, do espetáculo de recriação do acidente automobilístico falta de James Dean, realizado igualmente em uma área isolada e sob a observação dos demais integrantes do grupo de aficionados por acidentes automobilísticos. O som dos motores rugindo, o foco nos detalhes dos carros e o contato quase sensual entre as personagens e as máquinas, antes e depois do acidente, que fere gravemente os motoristas de ambos os carros, criam uma atmosfera estranhamente erótica.

Os impactados se insere, portanto, em uma tradição cinematográfica que investiga experimentações sexuais que se distanciam da norma e que, em assim como em *Crash*, por exemplo, inserem a tecnologia como potência de transformação corporal e sexual, apresentando a eletricidade como energia capaz de transformar o corpo (de diferentes formas) e de potencializar sua sexualidade. Essa transformação propõe uma reflexão sobre as possibilidades pós-humanas no âmbito da reconfiguração de corporalidades e sexualidades, por meio de interações — propositais ou acidentais — mediadas pelas tecnologias. Nesse sentido, é importante termos em conta que quando falamos em tecnologia, estamos pensando no mesmo sentido que Ballard, como algo que faz parte de nosso cotidiano mais banal, sendo a energia elétrica como a seiva vital que alimenta muitos de nossos aparatos domésticos, corporativos e/ou industriais.

À medida que acompanhamos a jornada de Ada, confrontamos questões universais sobre vulnerabilidade, mortalidade e a natureza da conexão humana. Através de uma narrativa fantástica e íntima, o filme nos leva a acreditar que todo aquele universo fantástico de transformações corporais/identitárias por conta das descargas elétricas pode, de alguma forma, ser real. Afinal, como conta a cineasta, com exceção das alucinações que assistimos nos momentos de electrofilia, quase tudo no filme é real e tem como origem muita pesquisa e entrevistas. (Puenzo, 2024c).

Pós-humanismo e contrassexualidade

Em *Os impactados*, a descarga extrema de eletricidade transforma os corpos, suas percepções e sua sexualidade, inaugurando uma nova forma de experiência e de reconfiguração da condição humana que poderíamos chamar de pós-humanismo, pois como alerta Lucia Santaella, as conotações do termo "pós-humano" implicam, mas extrapolam "a mera caracterização dos corpos", incluindo "[...] as mutações que as tecnologias estão provocando no real do corpo, há dimensões antropológicas e filosóficas implicadas nessa expressão que a dotam de uma complexidade que envolve, mas vai além da tecnologia e mesmo da biologia". (Santaella, 2007:132).

Assim, a transformação corporal e psíquica sofrida por Ada por conta da descarga elétrica pode ser interpretada como uma mutação pós-humana, que incide tanto sobre sua sensibilidade quanto sobre sua corporalidade, recuperando sua capacidade reprodutiva e intensificando seu desejo e seu desempenho sexual. Nesse sentido, sua nova sexualidade converge para o que Paul B. Preciado discute em *Manifesto Contrassexual: Práticas*

Subversivas de Identidade Sexual, sendo uma desnaturalização e desmistificação das noções tradicionais de sexualidade rumo a o que ele denomina como contrassexualidade, que abarca os dispositivos sexuais, estabelecidos entre corpo e máquina. (2004, p. 36). No filme, o eletrochoque é reinventado pela perspectiva da ficção especulativa, que se bem imagina uma nova função para o tratamento, a de aplacar temporariamente a hipersensibilidade despertada em algumas pessoas sobreviventes das grandes descargas elétricas ao serem atingidas por raios. O tratamento não só produz resultados, mas também proporciona à pessoa tratada um torpor lânguido e sensual, semelhante ao vivido durante um orgasmo, gerando eletricidade ao entrar em contato com correntes elétricas. Em algumas cenas, essa eletricidade se manifesta até mesmo durante o ato sexual, no momento da penetração. Ao refletir sobre a contrassexualidade abordada no filme, podemos entender que essas tecnologias, embora sejam uma analogia da realidade, representam formas de resistência à disciplina sexual estabelecida.

Na segunda metade do filme, após descobrir a forma como a energia elétrica age em seu corpo e em sua sexualidade, Ada passa a arriscar-se em choques elétricos auto-infligidos com a ânsia de aplacar sua hipersensibilidade frente a um mundo e a relações com as quais já não se sente mais confortável. Dor e prazer se imbricam na fruição dessa energia, que atravessa seu corpo e na tentativa de controlar essa sanha. Essa busca torna-se uma obsessão, que ela compartilha com as outras pessoas do grupo de sobreviventes, levando-a a romper com as limitações sociais que cercavam sua sexualidade. A eletricidade, elemento central na narrativa, não apenas provoca sensações físicas intensas, mas também ressignifica sua experiência emocional e psicológica, aprofundando sua conexão com as outras pessoas sobreviventes, que compartilham do mesmo desejo. A eletricidade catalisa a transformação de Ada, ajudando-a a superar suas vulnerabilidades — reativando o funcionamento de seus ovários e repensar sua existência — ressignificada pela gravidez que surge como redenção frente ao trauma do suicídio da mãe.

Nesse sentido, as reflexões de Paul B. Preciado sobre a contrassexualidade tornam-se especialmente relevantes, pois colocam em xeque a necessidade de se adequar aos códigos tradicionais sobre sexualidade, implicando a produção de "um curto-circuito no código, a fim de inventar novos órgãos e funções sexuais" (2004: 24). Ada, ao explorar o prazer elétrico, simboliza essa ruptura, essa invenção de novas formas de vivenciar a corporalidade e o desejo, que transcendem as normas sexuais tradicionais.

A eletricidade, como dispositivo erótico e transformador, insere Ada em um território da reconfiguração pós-humana, por meio da qual o corpo e a sexualidade são reinventados.

Preciado sugere que práticas como o uso de dildos, a erotização do ânus e o BDSM representam momentos de transformação sexual radical. No filme, o choque elétrico atua como um dispositivo similar, um meio de ressignificar a sexualidade e de permitir a Ada uma nova relação com seu corpo e seus desejos.

É nesse espaço de paródia e transformação plástica que aparecem as primeiras práticas contrassexuais como possibilidade de uma deriva radical com relação ao sistema sexo/gênero dominante: a utilização de dildos, a erotização do ânus e o estabelecimento de relações contratuais BDSM (*bondage*/disciplina/sadomasoquismo) para citar ao menos três momentos de mutação pós humana no sexo. (Preciado: 42).

A utilização de tecnologias como a "violet wands", que implicam o uso de eletricidade estática em áreas genitais, exemplifica a exploração erótica do choque, algo que Preciado também aborda ao discutir técnicas de eletrotortura (2004: 113). No contexto do filme, a busca de Ada por prazer é acionada pela descarga elétrica, que se torna também uma obsessão para a protagonista, como forma prazerosa de controlar sua hipersensibilidade, mas também como uma descarga violenta e corporalmente catártica - que a lança desacordada ao chão -, podendo ser vista como uma prática contrassexual, por meio da qual a dor e o prazer se entrelaçam, gerando novas configurações de desejo.

As mutações pós-humanas que incidem diretamente sobre a sexualidade questionam as normatividades estabelecidas, propondo uma expansão do que é reconhecido como prática sexual. Nesse contexto, o corpo não é mais visto como uma entidade biológica estática, mas sim como um campo aberto à modificações tecnológicas e simbólicas. A introdução de próteses, dispositivos elétricos e eletrônicos, bem como práticas contrassexuais — como o BDSM e o uso de dildos — reconfigura as fronteiras do prazer e da sexualidade. Essas mutações desafiam a concepção tradicional de sexualidade, como algo natural e inalterável, permitindo que novas corporalidades/subjetividades insurjam e que o corpo se torne uma materialidade em constante experimentação e reinvenção. Essas ideias encontram eco em filmes que, como *Os Impactados*, exploram a interação entre tecnologia e sexualidade, representando personagens que se redefinem ao abraçarem experiências sensoriais extremas, como a eletricidade, para acessar novas formas de prazer e de existência corporal.

Considerações finais

Os Impactados toca em questões profundas da condição humana, que são desveladas frente a situações de iminente destruição, como a que é vivenciada pelas personagens que sobrevivem ao impacto dos raios, que são colocadas assim em contato com sua fragilidade e impermanência. Esse confronto com a finitude é um tema recorrente no cinema, mas ao manter

o foco nas personagens o filme alcança uma qualidade intimista, por meio da qual emergem as tensões psicológicas e emocionais das interações humanas e das emoções reprimidas, como acontece com Ada em relação à perda da mãe em sua infância. Assim, o filme explora também a forma como os relacionamentos são afetados pelos traumas, contrapondo o distanciamento e isolamento crescente de Ada em relação à sua família (pai e marido) ao seu envolvimento e intimidade, igualmente crescente, com as pessoas do grupo de sobreviventes. Consequentemente, são levantadas questões sobre o embate entre coletividade *versus* individualidade, examinando as formas como as pessoas reagem após vivenciarem a experiência extrema da alta descarga de eletricidade e da quase morte.

As personagens que sobreviveram à essa intensa descarga elétrica, (re)descobrem as potências de suas corporalidades, intensificadas e transformadas. O filme apresenta a transformação e a intensificação das potências corporais após sofrerem a intensa descarga elétrica do impacto de raios, rompendo definitivamente com a normalidade e promovendo assim uma reflexão densa sobre a impermanência da identidade, do corpo e da sexualidade. O filme explora essas mudanças de maneira visceral, demonstrando como a transformação corporal modifica a percepção de prazer e dor. As terminações nervosas, como símbolo dessas alterações, refletem uma nova forma de existência. *Os Impactados* convida quem assiste a experimentar, ao lado da protagonista, uma jornada sensorial na qual a descarga elétrica de um choque auto-infligido se torna uma fonte tanto de recuperar o equilíbrio (perdido frente a um que já não faz mais sentido) quanto de excitação. O filme propõe reflexões sobre a natureza desse prazer nascido da descarga elétrica, tanto metafórica quanto literalmente, por meio da constante busca por reviver essa experiência, que parece estar no limiar entre a pulsão de vida e morte.

Para isso, a narrativa se aprofunda na transformação da corporalidade e da sensibilidade, que culminam com a experiência de uma nova sexualidade mais selvagem e intensa, seguindo assim a linha de pensamento de Paul B. Preciado (2004), de que as sexualidades e corporalidades não podem ser premeditadas; elas acontecem por meio de mutações — sendo uma constante reinvenção. O que acontece com Ada, que após sobreviver à descarga do raio descobre uma nova realidade corporal e sexual, deixando de atender as normas convencionais do prazer e literalmente dando choques em seus parceiros, personificando a ideia das mutações sexuais. Mas enquanto Ada consegue controlar sua eletricidade e seu impulso de seguir buscando um novo choque, engravida e se torna mãe. Juan,

assim como outras personagens antes dele, sucumbe e se entrega ao chamado fatal da eletricidade.

Assim, *Os Impactados* não apenas narra uma história de sobrevivência e desejo, mas também sugere uma transformação mais ampla, constante e irreversível do corpo, da identidade e da sexualidade, por meio da dança entre Eros e Tânatos, vida e morte, prazer e destruição. Essa perpassa toda a narrativa, questionando as convenções que moldam a experiência humana. A vida após o impacto - da extrema descarga elétrica - nunca mais será a mesma, mas essa nova existência, apesar dos perigos e incertezas, revela-se complexa e fascinante.

Para contar essa história, a narrativa explora a visceralidade [e a visualidade] do encontro entre os corpos atravessados também por uma descarga de energia que entre Ada e Juan pode representar tanto um orgasmo quanto uma comunhão. A eletricidade que irrompe da natureza, um recurso natural que a tecnologia humana tenta controlar, ascende ao grau de uma eucaristia compartilhada, cuja força transformadora apenas as pessoas impactadas conseguem conhecer. Ao investigar sobre como essas transformações profundas ressoam na psique e no corpo, o filme nos conduz em meio a um território desconhecido, onde o limite entre prazer e perigo se mantém constantemente à flor da pele.

Em meio ao atual contexto político argentino e global de ascensão da ultra-direita, *Os Impactados* se revela mais uma página do manifesto de resistência que vem sendo escrito pelo cinema latino-americano às pautas reacionárias da ultra-direita, sendo um convite à reflexão e à discussão sobre as formas como corporalidade, identidade e sexualidade são indissociáveis e estão em constante metamorfose, sobretudo, em nossa época de profundas interações tecnológicas. Com nuances de ficção científica especulativa e apresentando situações e experiências que nos instiga a questionar nossa percepção em relação a o que pode um corpo e a como pode se manifestar a sexualidade, o filme desafia as convenções que moldam nossos padrões e expectativas. Ao expandir nossos horizontes do possível, Puenzo, assim como outras e outros cineastas, nos encoraja a acolher a complexidade do presente e a sonhar com presentes alternativos, revelando o potencial quase alquímica do cinema em sua capacidade de transformar a realidade.

E ao somarmos a essa equação complexa que é armada por *Os impactados* a observação de Ballard de que o tempo da ficção científica [especulativa] não estaria situado no futuro, que para ele está morto, mas sim, "nas possibilidades infinitas do presente" (Abramo, 1997), podemos pensar sobre a forma como filmes esse, situados em um presente fabulado, abrem espaço para discutirmos a importância de não nos acomodarmos na esperança por um futuro

diferente ou melhor, pois o presente é o nosso único tempo e nele cabem todas as possibilidades.

Referências

ABRAMO, Bia. Ballard, o profeta do presente. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 jan 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/26/mais!/10.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

Crash – Estranhos Prazeres. Direção: David Cronenberg. Canadá: Alliance Communications Corporation, 1996. 100 min. Filme.

FACHEL de MEDEIROS, Rosângela. *Crash, romance e filme, expressão máxima da representação do desastre automobilístico em manifestações artísticas*, 2002. 307 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Programa de Pós-graduação em Letras, UFRGS, 2002.

ITIBERÊ, Suzana Uchôa. Ballard faz parábola sobre o sexo mecânico. *Estado de São Paulo*. São Paulo, 1996.

Los impactados. Direção: Lucía Puenzo. Argentina: Historias Cinematográficas INCAA, 2013. 96 min. Filme.

MEIRELES, Alexander. Ficção especulativa. In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Eds.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional* (e-DDIF). 2. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/m/medo> . Acesso em: 30 set. 2024.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual*. Editora Zahar. 2004.

PUENZO, Lucia. Lucía Puenzo: “Hay que dejar que las películas encuentren su público” [entrevista concedida a] Rivai Chávez. *Cronica*, México, 12 fev. 2024a. Disponível em: <https://www.cronica.com.mx/escenario/lucia-puenzo-hay-dejar-peliculas-encuentren-publico.html> Acesso em: 01 out. 2024.

PUENZO, Lucia. Lucía Puenzo: “Nunca vimos este nivel de demonización del arte y la cultura” [entrevista concedida a] Tiempo Argentino, 25 fev. 2024b. Disponível em: https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/lucia-puenzo-nunca-vimos-este-nivel-de-demonizacion-del-arte-y-la-cultura/ Acesso em: 01 out. 2024.

PUENZO, Lucia. “‘Los impactados’, una película de Lucía Puenzo sobre la electrofilia” [entrevista concedida a] *Aristegui Noticias*, 9 fev. 2024c. Disponível em: <https://aristeguinoticias.com/0902/cultura/los-impactados-una-pelicula-de-lucia-puenzo-sobre-la-electrofilia/> Acesso em: 29 set. 2024.

RUY, Karine. Os espaços do cinema de baixo orçamento no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, 2016. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/211/218> . Acesso em: 29 set. 2024.

SANTAELLA, L. As comunicações e as artes estão convergindo? *Revista Farol*, 1(6), p. 20–44.

SANTAELLA, L. "Pós-humano por quê?" *Revista USP*, São Paulo, n.74, jun./ago. 2007. p. 126-137. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13607/15425>
Acesso em: 13 set. 2024.